

A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE PSICOLÓGICO ESCOLAR PARA ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS

Vânia Aparecida dos Santos Santana¹
Alcione Januária Teixeira da Silveira²

alcionevertice@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais e Aplicadas

RESUMO

A atuação do psicólogo escolar é essencial para o acolhimento e suporte de adolescentes que enfrentam transtornos emocionais e comportamentais. Esses profissionais, ao promoverem espaços de escuta, diálogo e fortalecimento das habilidades socioemocionais, contribuem significativamente para a melhoria do bem-estar psíquico e para a adaptação escolar desses estudantes. O objetivo deste trabalho foi analisar a importância do suporte psicológico escolar para adolescentes com transtornos emocionais e comportamentais, destacando o impacto no desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos estudantes. Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa através de observação. Os resultados indicaram que o suporte psicológico favorece a construção de vínculos de confiança, a expressão emocional e a resiliência dos adolescentes, além de colaborar para a inclusão social e o desempenho escolar. Ademais, ressaltam-se os desafios enfrentados, como a limitação de recursos e a necessidade de maior articulação entre profissionais da educação e saúde.

PALAVRAS-CHAVE: adolescentes; transtornos emocionais; psicologia; escola.

1 INTRODUÇÃO

A atuação da Psicologia Escolar no Brasil ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da Psicologia como ciência em 1962. Inicialmente, observou-se uma grande preocupação com a mensuração dos fenômenos psíquicos. Dessa forma, no início do século passado, o psicólogo escolar estava envolvido na quantificação dos fenômenos psíquicos junto aos laboratórios das escolas de educação e filosofia (Bock, 2003; Guzzo, 2002; Marinho-Araújo, Almeida, 2005; Patto, 1997; Souza, 2007). Sua prática estava principalmente associada à psicometria e ao desenvolvimento de intervenções clínicas individuais nas instituições de ensino. A origem dos problemas educacionais era atribuída ao aluno, enquanto fatores externos como fatores sociais, econômicos, políticos, institucionais,

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

²Psicóloga; Doutoranda em Educação; Mestre em Educação; Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

históricos e pedagógicos, eram desconsiderados (Cassins, 2007; Teixeira, 2003). O foco principal era resolver as dificuldades escolares, especialmente o temido "fracasso escolar" (Meira, Antunes, 2003).

Contudo, só no ano de 2019, a Lei nº 13.935/2019 estabelece a obrigatoriedade de psicólogos e assistentes sociais na rede pública de educação básica, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos por meio de ações que envolvem suporte emocional, social e educacional (Brasil, 2019.).

O trabalho do psicólogo na escola envolve a escuta atenta das demandas da comunidade escolar, a mediação de conflitos, a promoção da saúde mental e o fortalecimento das relações interpessoais. Ao atuar em parceria com professores, gestores, famílias e demais profissionais da educação, o psicólogo contribui para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes (Souza, 2011; Yamamoto, 1995). Suas ações podem incluir a realização de oficinas socioemocionais, rodas de conversa, orientação educacional, capacitações para professores e articulação com a rede de proteção social (Neves, Almeida, 2020). Dessa forma, o psicólogo se posiciona como agente de transformação, auxiliando na identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico e na elaboração de estratégias coletivas que favoreçam o bem-estar e o processo de aprendizagem dos alunos (Patto, 2005).

O trabalho em questão justifica-se através de uma experiência de estágio do curso de psicologia realizada por meio de observação do trabalho de uma psicóloga em uma escola municipal. Considerando a obrigatoriedade da presença de psicólogos nas escolas públicas a partir da Lei nº 13.935/2019, torna-se fundamental refletir sobre como essa atuação vem contribuindo de forma concreta para o acolhimento e acompanhamento de estudantes.

O objetivo deste trabalho foi analisar a importância do suporte psicológico escolar para adolescentes com transtornos emocionais e comportamentais, destacando o impacto no desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos estudantes.

Trabalhos como estes são importantes para compreender de que forma a presença de profissionais da psicologia no ambiente escolar contribui para a

identificação precoce, intervenção e acompanhamento desses adolescentes, além de investigar os desafios e possibilidades na implementação de políticas públicas e práticas eficazes de suporte psicológico dentro das instituições de ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Patto (1990), a psicologia escolar deve compreender a realidade sociocultural dos estudantes e atuar na transformação do ambiente educacional, evitando uma visão reducionista dos problemas escolares. Além disso, Neves e Almeida (2020) destacam que o psicólogo deve trabalhar estratégias coletivas para melhorar a convivência e o aprendizado dentro da escola. O trabalho do psicólogo escolar, trata-se de um trabalho que exige escuta sensível, articulação com a rede de proteção e compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora (Patto, 2005; Yamamoto, 1995; Souza, 2011).

Adolescentes com transtornos emocionais e comportamentais representam uma parcela significativa dos desafios enfrentados no contexto escolar. Esses transtornos podem se manifestar por meio de dificuldades de socialização, comportamento agressivo, isolamento, ansiedade, depressão, entre outros sintomas que impactam diretamente o processo de aprendizagem e a convivência escolar (Cunha, Weber, 2018). Muitas vezes, esses estudantes são estigmatizados ou vistos apenas como "problemáticos", sem que se compreenda o contexto subjetivo e social que influencia o comportamento (Patto, 1990; Souza, Almeida, 2017).

Nesse sentido, é fundamental que a escola, enquanto espaço formativo, promova ações que considerem as necessidades emocionais desses adolescentes, evitando práticas excludentes e punitivas (Libâneo, 2006; Mantoan, 2003). Como apontam Bazon e Silva (2015), a identificação precoce e a oferta de suporte adequado são essenciais para que os alunos tenham oportunidades reais de desenvolvimento e inclusão.

Como afirmam Guzzo e Meira (2015), a atuação do psicólogo escolar é essencial para o acolhimento e suporte de adolescentes que enfrentam transtornos emocionais e comportamentais. Esses profissionais, ao promoverem espaços de escuta, diálogo e fortalecimento das habilidades socioemocionais, contribuem significativamente para a melhoria do bem-estar psíquico e para a adaptação escolar

desses estudantes. A Psicologia Escolar deve ir além da identificação de dificuldades, intervindo de forma preventiva e transformadora no ambiente educativo, fortalecendo a autoestima, a capacidade de enfrentamento e as relações interpessoais dos adolescentes. Dessa forma, a presença de psicólogos na escola torna-se estratégica para a promoção da saúde mental e para a construção de trajetórias escolares mais positivas, especialmente para aqueles em situação de vulnerabilidade.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e conforme a concepção de Minayo (2001), é uma pesquisa voltada para a compreensão dos fenômenos sociais a partir da perspectiva dos indivíduos envolvidos, levando em consideração os significados e as interpretações que atribuem às suas vivências. Nesse sentido, a metodologia qualitativa permite uma análise profunda e detalhada de aspectos complexos, como as dinâmicas sociais, a subjetividade dos participantes e os efeitos das intervenções psicossociais.

O método de observação, utilizado neste estudo, é descrito por Merriam (2009), como uma técnica para o estudo de contextos naturais. A observação permite ao pesquisador entender os comportamentos e as interações em seu contexto real, proporcionando insights mais profundos sobre o objeto de estudo. De acordo com Gil (2008), a observação sistemática, quando bem realizada, oferece uma compreensão detalhada dos fenômenos que, muitas vezes, não seriam captados por métodos mais objetivos, como entrevistas ou questionários.

As ações de intervenção foram realizadas como parte do estágio supervisionado do curso de Psicologia da Faculdade Univértix e ocorreram por meio da observação em uma Escola Municipal, localizada no interior de Minas Gerais. Neste estudo, a observação foi empregada como uma técnica fundamental para monitorar o cotidiano do suporte psicológico escolar, especialmente no acompanhamento de adolescentes com transtornos emocionais e comportamentais.

As observações acontecerão ao longo de 40 horas, divididas em 10 visitas à instituição, entre os meses de fevereiro a junho de 2025.

A escola observada atende aproximadamente 85 alunos no período matutino, distribuídos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, 20 alunos participam de um projeto pedagógico complementar. No período vespertino, são 122 alunos do 1º período ao 4º ano do Ensino Fundamental. O corpo docente é composto por 10 professores em cada turno, totalizando 20 docentes, 2 pedagogas, 1 psicóloga e uma diretora.

A análise dos dados foi conduzida a partir da triangulação entre os registros obtidos na observação, as respostas aos questionários e o diálogo com a literatura científica que fundamenta a pesquisa. Inicialmente, buscou-se organizar e categorizar as informações coletadas, destacando padrões, recorrências e singularidades. Em seguida, os dados foram interpretados qualitativamente, considerando o contexto em que os participantes estão inseridos, suas condições de trabalho e suas percepções subjetivas. Esse processo visou não apenas descrever os fenômenos observados, mas também relacioná-los a discussões teóricas já consolidadas, possibilitando uma compreensão crítica da realidade estudada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de estágio permitiu identificar importantes aspectos relacionados à atuação do psicólogo escolar junto a adolescentes com transtornos emocionais e comportamentais. Observou-se, inicialmente, uma carência de comunicação efetiva e de compreensão mais aprofundada, por parte da equipe escolar, acerca do papel desempenhado pela psicóloga. Segundo a psicóloga essa limitação compromete parcialmente o potencial transformador de sua atuação, embora a comunicação constante entre os profissionais envolvidos tenha possibilitado o planejamento de ações mais eficazes, pautadas em uma abordagem acolhedora e humanizada frente às demandas dos estudantes.

A psicóloga relatou que, em sua atuação, estando mais próxima da equipe pedagógica observou melhorias perceptíveis no clima escolar e no manejo de situações críticas. Professores e coordenadores demonstraram maior abertura para discutir estratégias de cuidado emocional com os estudantes, reconhecendo a importância do trabalho coletivo. A psicóloga entende que persistem desafios quanto

à valorização institucional da Psicologia Escolar, o que aponta para a necessidade de ações contínuas de sensibilização e capacitação da comunidade escolar.

Segundo Bock *et al.*, (2013), muitas instituições educacionais ainda associam o trabalho do psicólogo apenas ao atendimento clínico individualizado dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento, desconsiderando a complexidade das dinâmicas escolares e os fatores institucionais que impactam o desenvolvimento dos estudantes. Para Patto (2015), essa visão limitada reflete uma compreensão reducionista tanto dos problemas escolares quanto da atuação psicológica, reforçando práticas patologizantes em vez de promover intervenções que considerem o contexto social e educativo. Assim, a escola, muitas vezes, demonstra desconhecimento sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar, o que exige, por parte do profissional, um trabalho contínuo de esclarecimento e redefinição de seu papel junto à comunidade escolar.

No decorrer da observação, foram identificados padrões de sofrimento psíquico entre os adolescentes, frequentemente relacionados segundo a psicóloga a fatores como vulnerabilidade social, conflitos familiares, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento interpessoal. Entre os comportamentos mais recorrentes, destacaram-se ansiedade, irritabilidade, isolamento social, desmotivação para os estudos e dificuldades de concentração. Tais manifestações, muitas vezes interpretadas como desinteresse ou indisciplina, revelam, na realidade, vivências emocionais marcadas por sofrimento que nem sempre são reconhecidas no contexto escolar.

De acordo com Campos (2017), fatores socioeconômicos adversos comprometem o bem-estar emocional e o desempenho acadêmico dos adolescentes, tornando a escola um espaço privilegiado para ações de promoção de saúde mental. Nesse sentido, estratégias coletivas, como o fortalecimento de vínculos, oficinas socioemocionais e articulação com a rede de proteção social, mostram-se essenciais para ampliar o suporte à saúde mental no ambiente escolar.

Patto (2015) destaca que as dificuldades escolares não podem ser entendidas apenas como falhas individuais dos estudantes, mas como reflexo de contextos de exclusão social e desigualdade de oportunidades. Assim, a Psicologia Escolar deve atuar criticamente, identificando e enfrentando os fatores estruturais que limitam o

acesso à educação de qualidade, promovendo práticas que favoreçam a inclusão, o reconhecimento das diferenças e a construção de uma escola mais justa.

A intervenção psicológica, por meio de escuta qualificada, orientações à equipe pedagógica, oficinas socioemocionais e rodas de conversa, mostrou-se fundamental para oferecer suporte e acolhimento aos estudantes em sofrimento. Tais ações contribuíram para o fortalecimento de vínculos, a promoção do bem-estar e a mediação de conflitos, ampliando o espaço de escuta e cuidado dentro da escola conforme observado pela psicóloga.

Conforme Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo é indissociável das interações sociais, sendo mediado pelas experiências vivenciadas no ambiente escolar. As intervenções realizadas estimularam a empatia, a escuta ativa, a tolerância à frustração e a capacidade de cooperação, elementos fundamentais tanto para a aprendizagem quanto para o convívio social. A construção de ambientes educacionais mais inclusivos e afetivos demonstrou-se crucial para o fortalecimento da autoestima e para a redução do sofrimento psíquico dos estudantes.

Segundo Bezerra *et al.*, (2023), o plantão psicológico em escolas estaduais tem se mostrado eficaz ao proporcionar um espaço de escuta para adolescentes, permitindo o compartilhamento de experiências e a construção de estratégias de enfrentamento para questões emocionais e comportamentais. Além disso, Alves e Souza (2022) destacam que, no contexto pós-pandemia, o retorno presencial às escolas evidenciou um aumento nas demandas por apoio psicológico, especialmente relacionadas a questões de socialização, convivência, depressão e ansiedade. As autoras ressaltam a importância de ações de saúde mental que envolvam estudantes, familiares e educadores, com foco na escuta ativa e no acolhimento, para promover um ambiente escolar mais inclusivo e afetivo.

Essas práticas têm se mostrado fundamentais para fortalecer a autoestima dos estudantes, reduzir o sofrimento psíquico e contribuir para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e afetivos (Bezerra *et al.*, 2023; Alves, Souza, 2022).

Foi evidenciado pela psicóloga, mudanças positivas no comportamento de diversos alunos que tiveram acesso ao atendimento psicológico. Houve relatos de

maior participação nas atividades escolares, melhora nas relações interpessoais e maior abertura para expressão de dificuldades emocionais. Além disso, as oficinas e intervenções individualizadas favoreceram o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, escuta ativa, tolerância à frustração e cooperação.

Segundo Carvalho (2008), a participação do psicólogo como membro da equipe escolar demarca uma concepção de atuação colaborativa e preventiva. Ao enfatizar a dimensão relacional da intervenção psicológica, o autor afirma que:

Movimentando-se e interagindo com os restantes agentes educativos, preferencialmente de modo colaborativo, o psicólogo é hoje um elemento central na Escola e que, mobilizando os seus saberes e as suas competências, contribui para um objetivo central da Educação: o sucesso escolar, a formação de cidadãos (Carvalho, 2008, p. 121).

Um caso particularmente relevante identificado durante a observação foi o de um adolescente com histórico de expulsões em outras instituições escolares, que demonstrava comportamentos agressivos, dificuldades de adaptação às normas institucionais, baixo desempenho acadêmico e uma trajetória marcada por fragilidade no contexto familiar e situação de vulnerabilidade social. Diante da complexidade do caso, a psicóloga escolar adotou uma abordagem pautada na escuta qualificada, no acolhimento e na articulação com a rede de proteção social, além de realizar orientações aos docentes quanto às estratégias de manejo em sala de aula. Embora os avanços tenham ocorrido de forma gradual segundo a psicóloga, foi possível observar mudanças sutis, porém significativas, no comportamento do estudante, tais como maiores tolerâncias à frustração e redução nos episódios de agressividade.

A atuação dos psicólogos e assistentes sociais na educação básica faz parte da legislação e vem pautada na promoção da saúde mental, da inclusão e da equidade social, colaborando com o projeto pedagógico da escola. Tal compromisso visa à construção de uma escola mais democrática e sensível às necessidades subjetivas dos alunos, reconhecendo a importância do suporte emocional como parte integrante da formação educacional (Brasil. 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se a importância de sensibilizar toda a comunidade escolar sobre a relevância do cuidado com a saúde mental. A construção de um ambiente escolar

mais humano, acolhedor e respeitoso passa pelo reconhecimento das emoções e pela valorização do sujeito em sua totalidade, promovendo uma educação mais inclusiva e transformadora. Através da escuta qualificada, da mediação de conflitos e do desenvolvimento de estratégias coletivas de cuidado, o psicólogo escolar se configura como um agente essencial na promoção da saúde mental, na prevenção do agravamento de quadros emocionais e na construção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor para adolescentes que enfrentam desafios comportamentais e emocionais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. C.; SILVARES, E. F. M. A queixa escolar e o atendimento psicológico: um estudo de casos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 28-35, 1994.

BOCK, A. A. **Psicologia escolar: novos tempos, novas abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BOCK, Ana M. B. A psicologia no Brasil: instituições e produção do conhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 197-212, 2003.

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia e educação: um campo de atuação em construção**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 12 dez. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 7 abr. 2025.

CAMPOS, Rosana. **Determinantes sociais da saúde mental na infância e adolescência**. São Paulo: Cortez, 2017.

CARVALHO, A. M. de. Atuação em Psicologia Escolar: mudanças históricas e perspectivas contemporâneas. 2008. Disponível em: <https://1library.org/article/atua%C3%A7%C3%A3o-em-psicologia-escolar-mudan%C3%A7as-hist%C3%B3ricas-perspectivas-contempor%C3%A2neas.q2mk2l6y>. Acesso em: 19 maio 2025.

CASSINS, G. A. et al. A atuação do psicólogo escolar no Brasil: um estudo a partir da produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 305-318, 2007.

CASSINS, J. F.; TEIXEIRA, M. R.; GUEDES, L. S. **Psicologia educacional: história e práticas**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CURY, D.; GOLFETO, H. P. Dificuldades escolares e transtornos emocionais em crianças: estudo sobre prevalência na população brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 233-242, 2003.

ELLIS, A.; BERNARD, M. **Manual de psicologia educacional**. São Paulo: Pearson, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUZZO, M. L. **A psicologia escolar no Brasil: entre a teoria e a prática**. Campinas: Papyrus, 2002.

GUZZO, Raquel S. L. A prática do psicólogo escolar no Brasil: uma perspectiva crítica. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 11-21, 2002.

GUZZO, Raquel Souza Lobo; MEIRA, Márcia Emília Ferreira. **Psicologia escolar crítica: enfrentamentos e possibilidades**. Campinas: Alínea, 2015.

HINSHAW, S. P. Comorbidades entre problemas emocionais e dificuldades escolares: uma análise da interação. **Journal of School Psychology**, v. 30, n. 2, p. 125-135, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARINHO-ARAÚJO, Célia M.; ALMEIDA, Laurinda R. Psicologia escolar: fundamentos e possibilidades de atuação. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 287-302, 2005.

MARINHO-ARAÚJO, J. F.; ALMEIDA, R. M. **Psicologia escolar e o ensino: reflexões sobre a prática e o conhecimento**. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

MARTURANO, E. M.; TOLLER, S. S.; ELIAS, M. F. Sintomas emocionais e comportamentais em crianças com dificuldades escolares: um estudo sobre prevalência. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 18-24, 2005.

MEIRA, Maria E. M.; ANTUNES, Celso J. Psicologia escolar: campo de atuação e formação profissional. In: BOCK, Ana M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 453-470.

MEIRA, P. S.; ANTUNES, M. L. **O fracasso escolar: causas e soluções possíveis**. São Paulo: Cortez, 2003.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. 2. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Hucitec, 2006.

NEVES, L. R.; ALMEIDA, S. P. Psicologia escolar e as práticas de intervenção coletiva no contexto educacional. **Revista Brasileira de Psicologia Escolar**, v. 26, n. 3, p. 1-15, 2020.

PATTO, Maria H. S. **Psicologia e ideologia: uma leitura crítica do ajustamento**. 6. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

SOUZA, C. M. **Psicologia e educação: caminhos para a transformação escolar**. São Paulo: FAPESP, 2007.

SOUZA, Maria Cristina. A escuta do psicólogo escolar: entre o sofrimento psíquico e a construção da cidadania. In: SOUZA, M. C.; ROMAGNOLI, R. C. (Orgs.). **Psicologia escolar: experiências, pesquisas e políticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 63-78.

SOUZA, Vera M. C. A construção do campo da Psicologia Escolar no Brasil: entre a tradição e a renovação. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. esp., p. 107-123, 2007.

TEIXEIRA, M. R. **A escola e a psicologia: análise crítica das práticas educacionais**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

TEIXEIRA, Maria A. P. Psicologia escolar: práticas clínicas em contextos educativos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 8, n. 1, p. 19-26, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. A atuação do psicólogo na instituição escolar: uma proposta de trabalho. In: SOUZA, M. A.; YAMAMOTO, O. H. (Orgs.). **Psicologia e educação: campo profissional e práticas de formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p. 111-122.